

O património na globalização

“Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor. Mas lutamos para que o melhor fosse feito. Não somos o que deveríamos ser, não somos o que iremos ser, mas graças a Deus, não somos o que éramos”. Martin Luther King¹

Nesta reflexão sociológica pretendo abordar o tema do Património como suporte de identidades locais num mundo global a que estamos destinados por imperativos políticos e económicos que se vêm a acentuar na última década. De como actuar sobre os patrimónios de forma a respeitar e a transmitir a heterogeneidade humana e que ética ou éticas metodológicas podem e devem ser respeitadas para não violarmos as comunidades específicas e o mundo global enquanto agimos sobre patrimónios materiais ou imateriais.

As sociedades actuais encontram-se em constantes mutações, com traços característicos diversos, desde as alterações demográficas, familiares, sociais e económicas aos crescentes progressos tecnológicos e à intensificação da concorrência internacional. Contudo, nelas se continuam a inscrever problemas estruturais que demonstram a importância de reforçar o papel da inclusão social no programa estratégico do Mundo Global em que hoje a humanidade se desenvolve e vive.

A Agenda Social Mundial deve reforçar a importância da confiança dos cidadãos para, de forma mais eficaz, enfrentar os grandes desafios que se colocam ao nível das desigualdades através da modernização das políticas sociais. Assim, devemos conduzir a uma racionalização de respostas aos sucessivos apelos de entidades mundiais, nacionais e regionais, no sentido de empreender uma maior simplificação, integração e coerência dos processos de coordenação existentes – inclusão social e práticas de desenvolvimento, ensino e transposição patrimoniais.

Esta nova visão patrimonial como trunfo fundamental para o reclamar da necessidade de aprofundar a dimensão social numa estratégia de globalidade e identidade, pode e deve garantir a coerência social global, assim como o reforço mútuos entre os objectivos de crescimento económico, da dignidade, da coesão social entre os povos e do desenvolvimento mais democrático e pacífico da humanidade.

Esta minha reflexão, visa apresentar um conjunto de questões a debate, de forma nenhuma se poderá limitar à apresentação de uma ética única e tranquilizadora no trabalho social sobre o património colectivo “individual”, visando colocar o “outro ente social” como um “heterónimo” de nós. Ou seja, olharmos os outros grupos sociais, as outras identidades geográficas - culturais como heterónimos de uma mesma civilização.

¹ Martin Luther King, Jr. (Atlanta, 15 de Janeiro de 1929 — Memphis, 4 de Abril de 1968) tornou-se um dos mais importantes líderes do activismo pelos direitos civis (para negros e mulheres, principalmente) nos Estados Unidos e no mundo, através de uma campanha de não-violência e de amor para com o próximo. Tornou-se a pessoa mais jovem a receber o Prémio Nobel da Paz em 1964, pouco antes de seu assassinato. O seu discurso mais famoso e lembrado é "Eu Tenho Um Sonho".

Penso que nesta visão poética se aloja uma política sociocultural transcultural que substitui no mundo contemporâneo as políticas empreendidas nas últimas décadas de interculturalidade. No entanto, pode-se incorrer num problema crasso de excesso de informação ou de sobrevalorização de tudo ou de subvalorização do que se pode guardar e preservar como património tangível ou intangível de todos num Mundo Global mas identitário.